

ACORDO COM FMI

# Investidores prometem manter linhas de crédito

Ministro da Fazenda falou para duas dúzias de executivos de grandes instituições financeiras em Nova York

PAULO SOTERO  
Enviado especial

**N**OVA YORK - Com os investidores internacionais aliviados com o anúncio de que o Brasil poderá contar com US\$ 37 bilhões em créditos da comunidade financeira oficial em 1999, mas ainda inseguros quanto à capacidade de o País executar o duro programa de estabilização fiscal que negociou com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para conseguir o dinheiro, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, começou ontem em Nova York a missão externa mais importante e arriscada do governo desde a introdução do real, há mais de quatro anos.

Nos próximos oito dias, ele tentará convencer os donos do dinheiro, que fugiram dos mercados emergentes após a moratória parcial decretada pela Rússia, em agosto, a regressar ao Brasil. Em Nova York, Frankfurt, Paris e Londres, o chefe da equipe econômica terá de usar de todo o seu poder de persuasão para convencer os investidores a apostar novamente no Brasil. A resposta deles nas próximas semanas e meses determinará o sucesso ou o fracasso da política econômica que deu aos brasileiros o primeiro período prolongado de estabilidade de preços em mais de uma geração. O retorno dos fluxos permitirá ao governo reduzir as taxas de juros internas, acelerar a desvalorização do real sem alterar o atual regime cambial e reduzir o efeito inflacionário do ajuste, criando, ao mesmo tempo, apoio político para a reforma fiscal e tributária. Em outro cenário, o efeito dos juros elevados sobre a dívida pública tornará impossível a administração da política fiscal, a recessão se aprofundará e o Brasil cairá no buraco negro da crise que trouxe algumas das economias mais prósperas da Ásia.

Seu primeiro compromisso, ontem, em Nova York - um almoço com duas dúzias de executivos de grandes instituições financeiras, no Links Club, organizado pelo Institute of International Finance, produziu o resultado desejado. "A resposta das instituições presentes foi positiva", disse o vice-presidente do Citibank, William Rhodes. "Todos reagiram bem às apresentações feitas pelo ministro Malan e pelo (vice-diretor gerente do FMI, Stanley) Fischer e comprometeram-se a manter suas linhas de crédito interbancárias e comerciais ao Brasil", informou o banqueiro.

Rhodes, que presidiu o comitê de bancos de renegociou a dívida externa brasileira após a crise da década passada, acrescentou que "a maioria das instituições" representadas no almoço "indicaram que aumentarão seus investimentos no Brasil à medida em o programa (fiscal) brasileiro for criando raízes".

Outros executivos do mercado financeiro também se mostraram mais confiantes. "Acho que a reticência do mercado em relação ao Brasil está diminuindo", disse o diretor de Operações com Mercados



Malan: parte pública da campanha começa hoje

## DIMINUÍRAM AS PRESSÕES SOBRE OS BANCOS

Emergentes de um grande banco europeu em Nova York, que falou sob a condição de não ser identificado. "A bolsa tem subido de maneira consistente no Brasil, a saída de fluxos diminuiu e a

tendência é de estabilização, se não houver nenhuma má notícia no mercado internacional que espante os investidores."

Malan passou o domingo em Washington, onde almoçou com o vice-diretor gerente do FMI, Stanley Fischer, e teve longa conversa telefônica com o subsecretário do Tesouro, Larry Summers. Ontem, acompanhado pelo presidente do Banco Central, Gustavo Franco, pelo secretário Internacional do Ministério da Fazenda, Marcos Caramuru, pelo diretor-executivo do Brasil no FMI, Murilo Portugal, o ministro também manteve encontros fechados com analistas de investimentos em Wall Street. A vice-diretora do departamento do Hemisfério Ocidental do Fundo, Teresa Ter-Minassian, também participou das reuniões. O vice-diretor gerente do FMI, que apostou sua reputação profissional e a credibilidade da instituição que apresenta no êxito da operação de apoio ao Brasil, acompanhará Malan em seus contatos com os investidores nos centros financeiros da Europa. Hoje, o ministro da Fazenda inicia a parte pública de sua campanha pela volta dos fluxos de capitais privados ao País com uma palestra num dos salões do hotel Waldorf Astoria. À noite, depois de mais contatos com banqueiros, ele viaja para Frankfurt.

Malan disse ao *Estado* que está está confiante em uma reação positiva dos investidores. Mas isso não é uma inevitabilidade. As notícias, editoriais e comentários do *Wall Street Journal* e do *Financial Times*, os dois principais jornais financeiros do mundo, sobre o acordo com o FMI deixaram patentes, ontem, a cautela com que muitos investidores continuam a ver o Bra-

sil. "Os bancos não estão ansiosos para voltar", disse Fred Bergstein, o diretor do Instituto de Economia Internacional, de Washington.

Arturo Porzecanski, economista-chefe para renda fixa do banco de investimentos ING Barings, disse que a percepção do mercado financeiro sobre o Brasil melhorou nas últimas semanas. O acordo com o FMI foi recebido de forma positiva, mas ele já estava no preço, o que explica a ausência da reação efusiva que provavelmente o governo brasileiro esperava e com a qual contava o Departamento do Tesouro

dos EUA, que também tem sua credibilidade em jogo na operação.

Segundo o economista, a pressão sobre os bancos brasileiros para quitar suas linhas de crédito comercial, por exemplo, que atingiu o auge no fim de setembro, início de outubro, diminuiu de forma considerável depois dos cortes de juros nos EUA e na Europa, do início do saneamento do sistema financeiro no Japão e do anúncio do programa de estabilização fiscal do Brasil.

"Mas para avançar, as autoridades terão de manter o foco das atenções firmemente em Brasília", disse Porzecanski. O economista do ING calcula que o Brasil receberá pelo menos US\$ 20 bilhões em investimentos estrangeiros diretos em 99, mas prevê uma volta lenta das aplicações em bolsa e das linhas comerciais de crédito, a menos que surja um fato novo para acelerá-la.

"Será necessário um elemento de surpresa que não existiu no acordo com o FMI para produzir um impacto que leve a uma restauração mais rápida da confiança", disse ele. Porzecanski acredita que o Congresso pode criar essa surpresa "na velocidade ou no grau de apoio com que aprovar as medidas". O executivo

do ING Barings disse também que o presidente Fernando Henrique Cardoso poderia ajudar a criar o elemento surpresa se acelerasse o plano de reforma fiscal ou ampliasse o programa de privatizações.

Armínio Fraga, diretor do Soros Investment Fund, concorda que a chave está, em larga medida, nas mãos dos deputados e senadores brasileiros. "O programa com o FMI e o crédito dado ao Brasil aumentaram a confiança, mas ainda há um certo medo, por causa das más experiências passadas na execução da política fiscal", disse ele. "O ministro Pedro Malan será bem recebido em Wall Street e a apresentação que fará aos investidores é muito importante, porque lhe dará uma oportunidade de transmitir a mesma convicção no sucesso do programa que exibiu quando o apresentou pela televisão, no Brasil, no fim de outubro", disse Fraga.

## MINISTRO DIZ ESTAR CONFIANTE NA BOA REAÇÃO